

# ***IF WE FORGIVE OUR FATHERS WHAT IS LEFT: ANÁLISE E REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O POEMA 'FORGIVING OUR FATHERS' DE DICK LOURIE***

João Pimentel Santos Santana Coelho<sup>1</sup>

Murilo Rigaud<sup>2</sup>

## **Introdução**

Publicado por Dick Lourie, o livro *Ghost Radio* (1998) compreende uma variedade de poemas acerca de artistas clássicos do Rock and Roll, da política americana e de uma nostalgia da juventude nos anos 1950. Dentre eles, encontra-se a republicação do poema *forgiving our fathers*<sup>3</sup>, publicado originalmente na obra *Anima* (1997). O poema explora a imagem poética de um pai em meio a cenários contraditórios, refletindo um eu lírico cindido que questiona, por fim, o que restaria após um perdão. O poema em questão explora uma problemática nevrálgica para a psicanálise: a função paterna. Nos versos de Lourie, a imagem do pai é a temática e a mola propulsora

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna (inglês) pela UFBA e pesquisador na área de Literatura.

<sup>2</sup> graduando em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna (inglês) pela UFBA, pesquisador IC filiado à corrente teórica da Análise de Discurso Materialista e membro do grupo de estudo em psicanálise - SIPSI.

<sup>3</sup> O poema será analisado em sua versão original, pois a tradução dos versos para o português, sobretudo da palavra “fathers”, provocaria possíveis efeitos outros de sentido, resultando em interpretações para além do proposto. Por exemplo, o significante “fathers” pode ser traduzido para o português como “pais”, “progenitores” ou “procriadores”, contudo, todas as alternativas possibilitam a significação da presença da mãe e do pai concomitantemente. Portanto, optou-se pela preservação do escrito em língua inglesa nas citações e na análise deste ensaio a fim de evitar a ambiguidade do significado da palavra “pais” existente na língua portuguesa.

dos questionamentos do eu poético. Além disso, o texto lírico pretendido à análise também está incluído no filme *Smoke Signals* (1998). Nele, o poema sofre algumas alterações quanto à sua extensão, sendo encurtado em razão da elisão de alguns versos. Logo, uma decisão faz-se necessária: a opção pelo poema original, escrito e publicado por Lourie - do contrário, outras leituras seriam suscitadas.

Em consonância com Mieke (2017, p. 16), ainda que a autora pense a narratologia em prosa, a crítica psicanalítica não deve buscar um diagnóstico dos sujeitos envolvidos na obra literária e, portanto, a presente análise escapa às estruturas propostas por Freud — neurose, psicose e perversão. Contudo, não podem ser ignoradas características inerentes às estruturas psíquicas de Freud quando se pensa o eu lírico de *forgiving our fathers*. No poema, o eu poético questiona, em conclave com o leitor, se deve ou não perdoar o pai diante de cenários antagônicos perpassados pela dúvida acerca do que restaria após o ato. Sob o prisma psicanalítico, essa imagem poética do pai é o que se procura comentar, com base nos conceitos de Complexo de Édipo, a partir da leitura de Jacques Lacan, e o Mito do Pai Primevo, concebido por Sigmund Freud.

Dor (1991, p. 9) assevera que “a função paterna constitui um epicentro crucial na estruturação psíquica do sujeito”. Pensar, portanto, a construção imagética do pai no poema em questão é pensar, conseqüentemente, a formação psíquica do eu lírico diante da imagem ambivalente do pai. Ainda na perspectiva de Dor (*ibidem*), o Pai Real não seria o fundador ou o detentor da lei que instaura, mas puramente seu vetor, aquele que a representa. Para além da lei e da

representação do pai, seja ele Real ou Simbólico, há de se considerar, também, no poema de Lurie, a possibilidade de perdão direcionada ao pai e cogitada pelo eu lírico no último verso: “if we forgive our fathers what is left” (LOURIE, 1998, p. 48).

### **Complexo de Édipo**

O Complexo de Édipo, também conhecido como lei do Édipo ou lei da proibição da mãe, é uma explicação ao fundamento da psique humana, elaborada por Freud, que consiste na relação triangular entre pai, mãe e criança. Para ele, o pai atua como uma figura castradora entre o infante e a mãe, que resulta em uma das estruturas psíquicas possíveis a depender do efeito dessa interdição sobre o sujeito castrado.

Os versos iniciais da quarta estrofe apresentam a figura da mãe dentre as ações contrastantes do pai que deveriam ser perdoadas ou não: “for marrying or not marrying our mothers / for divorcing or not divorcing our mothers” (*ibidem*). O casamento e o divórcio opõem os valores jurídicos e religiosos de união e de separação na sociedade ocidental. A relação entre o pai e a mãe é posta como traumática para os filhos independentemente do vínculo entre eles, sendo o pai o sujeito do verbo. Ou seja, a decisão de concretização da ação é de responsabilidade da figura paterna. Ademais, a repetição de pronomes na primeira pessoa do plural — *we* e *our* — indica que as questões que concernem ao eu lírico terminam por englobar todos os sujeitos, adquirindo um caráter universalizante que escapa ao próprio poema, permitindo uma identificação basilar do leitor com o escrito.

Lacan atribui aos nomes “pai” e “mãe” uma relação de função, desvinculando a concepção ordinária desses significantes. O “pai” é, na verdade, a lei, a cultura de uma organização social, enquanto a “mãe” é o desejo, a pulsão de vida. O significado atribuído a esses significantes molda a leitura e, conseqüentemente, provoca outras interpretações do escrito poético quando os versos citados são interpretados como a união ou a separação entre o desejo e a lei. No poema, por exemplo, a menção ao significante “mothers” (mães) permite pensar a triangulação edipiana, considerando que, como atesta Dor (1991, p. 17), “a prescrição simbólica desta lei supõe uma negociação imaginária prévia que se desenrola entre os diversos protagonistas familiares: pai-mãe-filho, reunidos comunitariamente sob a égide da triangulação edipiana”; a figura paterna em *forgiving our fathers*, portanto, está presente nessa triangulação simbólica e em meio à interdição da relação mãe-filho.

Outra pontuação lacaniana é a de que “[n]ão existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai.” (Lacan, 1957-1958/1999a, p. 171). O pai — função paterna — é o elemento central do complexo edipiano porque é ele quem realiza a castração; isto é, instaura a falta no indivíduo e o convoca a ser sujeito a partir da procura do próprio objeto de desejo, pois a mãe já é o objeto de desejo do pai. Esse ponto pode ser visualizado nos versos da segunda estrofe, sobretudo no último verso:

or he's the one (as in a dream of mine)  
I must pull from the water but I never

knew it or wouldn't have done it until  
I saw the street-theater play so close up  
I was moved to actions I'd never before taken  
(LOURIE, 1998, p. 48)

Ainda nas acepções de Lacan, o termo “pai” pode ser encarado enquanto uma metáfora porque funciona como o significante de um significante: “A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno.” (Lacan, 1957-1958/1999a, p. 180). O nome-do-pai, conceito (re)pensado por Lacan a partir dos conceitos freudianos, enquadra a lingua(gem), matéria-prima da literatura, como espaço de elaboração para a reorganização simbólica da cena edípica; a falta fundante e incessante do ser humano que promove a busca por objeto(s) de desejo a fim de preencher o vazio que se instaura a partir da castração. A pergunta feita na última linha do poema — presente no título desse ensaio — permite pensar que se o perdão ao pai for concedido, há, para o eu lírico, uma falsa ideia de preenchimento de si, resultando, por fim, na ausência da falta previamente instaurada pelo pai. A hesitação do eu lírico de se desvencilhar do rancor para com o pai é colocada como temerosa, pois a extinção desse sentimento supostamente traria a possibilidade de uma completude ou de um esvaziamento total, já que não há certeza sobre o que resta, o que permanece, o que sobra ou o que é deixado.

### **Mito do Pai Primevo**

Em *Totem e Tabu*, Freud (1912-1914/2012) concebe o mito do Pai Primevo, influenciado fortemente pela antropologia social. O mito

considera uma horda, cujo Pai violento e ciumento conserva para si todas as fêmeas e expulsa os filhos assim que crescem. Os filhos expulsos decidem, então, assassinar o Pai e por fim, devorá-lo. Contudo, o Pai morto “tornou-se mais forte do que havia sido o vivo” (FREUD, 1912-1914/2012, p. 141) e passa a existir interiormente em cada um dos filhos. Na perspectiva de Dor (1991, p. 21), “devemos compreender esse mito como aquele sem o qual não poderíamos abordar a teoria do pai em psicanálise, já que é dele que esta recebe, precisamente, toda a sua consistência”. Funcionando como teoria basilar para a elaboração da figura paterna na teoria psicanalítica, o Mito do Pai Primevo auxilia na compreensão da imagem poética do pai tal como representada no poema de Dick Lourie.

Quanto ao poema, o eu lírico, como previamente dito, examina os cenários contrastantes envoltos na presença e na ausência da figura do pai:

maybe for leaving us too often or  
forever when we were little maybe  
for scaring us with unexpected rage  
or making us nervous because there seemed  
never to be any rage there at all (LOURIE, 1998, p. 48)

Há, portanto, uma ambivalência na figura paterna que reflete a dor como constituinte do sujeito e como inerente às relações pai-filho. O contraste entre ir ou ficar, e os outros tantos apresentados ao longo do poema, denotam que a possibilidade de perdoar o pai é por si só suficiente — e, de uma certa maneira, imprecisa, haja vista que um depois ao perdão é vislumbrado a partir do questionamento final. Todavia, a marca interrogativa não é expressa na pontuação da última

linha, ainda que, através da sintaxe da língua inglesa, seja possível identificar uma sentença interrogativa, reforçando essa imprecisão, permeada de dúvida, que subjaz um desejo de perdão direcionado ao pai.

Dor (1991, p. 35) afirma que

Freud insiste na natureza dos sentimentos contraditórios expressos pelo bando fraterno em relação ao tirano; [...] e que vai especificar sob a acepção de complexo paterno. O amor e o ódio mobilizados em face do déspota [...] ressoam novamente no momento do repasto canibalesco onde, depois da explosão de um ódio assassino, Freud constrói a hipótese de um transbordamento de manifestações afetivas.

Considerando a ambivalência presente no mito de Freud e atestada acima por Dor, pode-se identificar, como ponto fulcral do poema de Lourie, essa mesma ambiguidade. Os versos “maybe in a dream: *he’s* in your power/ *you* twist his arm but you’re not sure it was *he* that stole your money [...]” (LOURIE, 1998, p. 48, grifos nossos) caracterizam uma cisão do eu lírico, bem como uma certa confusão, inserida em um contexto onírico e fantasioso, como se somente nesse cenário o pai pudesse estar subjugado ao controle do filho, especialmente ao considerar o sonho como concretização de um desejo reprimido a partir da teoria freudiana (FREUD, 1856-1939/2019) - intensificada no poema pelo advérbio de dúvida “maybe”, que se traduziria para o português como “talvez”.

Para Freud, a ambivalência de amor e ódio, que constitui as instituições culturais e se supõe também ser um elemento essencial da vida afetiva, embora originalmente estranha a ela, foi “[...] adquirida

pela humanidade no complexo paterno, onde a investigação psicanalítica do indivíduo ainda hoje encontra a sua mais forte expressão” (FREUD, 1912-1914/2012, p. 153). Por fim, a ambivalência delineia-se na figura paterna do eu lírico, que, sendo essencial para sua formação psíquica, encarna uma figura dual. Os versos finais, por exemplo, explicitam o peso que a presença paterna, não importando como essa se apresenta, acaba por gerar dores. Um perdão, portanto, é contemplado, ainda que um porvir seja dúbio e indefinido no que diz respeito à demarcação de tempo ou até mesmo quanto ao ato de enunciá-lo: “in our age or in theirs or in their deaths / saying it to them or not saying it / if we forgive our fathers what is left” (LOURIE, 1998, p. 48).

### **Considerações finais**

Diante do discutido, pode-se perceber como a figura do pai — função paterna — é fulcral para compreender a gênese da psique e seus desdobramentos subjetivos, bem como os de ordem social. A ambivalência do pai em *forgiving our fathers* remete à existência dual de amor e ódio à semelhança do mito do Pai Primevo concebido por Freud. Tais sentimentos contraditórios coexistem em uma figura essencial para a formação psíquica do eu lírico — e por extensão, do sujeito. Além disso, a dimensão da figura do pai, circunscrita no triângulo edipiano pai-mãe-filho, revela o caráter formativo da figura paterna na vida do sujeito. Sendo o pai aquele que fica ou vai embora; que casa ou não com a mãe; ou se divorcia ou não dela, o sujeito acaba por enquadrar-se em uma das estruturas psíquicas a partir do comple-



xo de Édipo normal, tanto no sentido normalizador, quanto no sentido desnormalizador, que resulta em efeitos neurotizantes (LACAN, 1957-1958/1999a). O poema de Lourie explora essa questão justamente pelo peso da imagem paterna e pela simples menção à mãe. É nessa ambivalência da figura paterna e nesse desejo subjacente à incerteza do eu lírico de *forgiving our fathers* que é possível observar que, como assevera Lacan,

[e]m última instância, aquilo com que o desejo confina, não mais em suas formas desenvolvidas, mascaradas, porém em sua forma pura e simples, é a dor de existir. Esta representa o outro polo, o espaço, a área em cujo interior sua manifestação se apresenta a nós (1856-1939/2019b, p. 350-351).

## REFERÊNCIAS

BAL, Mieke. **Narratology**: Introduction to the theory of narrative. 4. ed. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

DOR, Joël. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1912-1913). *In*: **Obras completas, volume 11**: Totem e tabu, contribuição da história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 4**: A interpretação dos sonhos (1856-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LACAN, Jacques. A metáfora paterna. *In*: LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5**: as formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Zahar, 1999a.

LACAN, Jacques. O significante, a barra e o falo. *In*: LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5**: as formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Zahar, 1999b.

LOURIE, Dick. *forgiving our fathers*. *In*: LOURIE, Dick. **Ghost Radio**, New York: Hanging Loose Press, 1998.

LOURIE, Dick. **Anima**. New York: Hanging Loose Press, 1977.

SMOKE Signals. Direção: Chris Eyre. Estados Unidos da América: ShadowCatcher Entertainment, Welb Film Pursuits Ltd, 1998. 1 DVD (89 min).